



Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Educação a Distância da UFSM - EAD
Universidade Aberta do Brasil - UAB

Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação
Aplicadas à Educação

Polo: Agudo – RS

Disciplina: Elaboração de Artigo Científico

Professora Orientadora: Profa. Dra. Reinilda de Fátima Berguenmayer
Minuzzi

Data da defesa: 30 de novembro de 2012

Contribuições da cultura visual para pensar a imagem no contexto
EaD

Contributions of visual culture to think images at EaD context

Francieli Regina Garlet

Graduada em Artes Visuais Licenciatura Plena em Desenho e Plástica. Universidade
Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

O presente artigo apresenta uma investigação realizada no Curso de Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação Aplicadas à Educação, cujo problema central foi discutir as possibilidades que a cultura visual oferece para pensar o uso da imagem no contexto EaD. A pesquisa, cuja abordagem metodológica foi de cunho qualitativo, envolveu uma atividade com experimentação da imagem realizada com tutores de cursos de licenciatura da UAB/UFSM e uma reflexão a respeito de uma experiência com utilização da imagem durante o Curso de Especialização em TIC Aplicadas à Educação. Buscou-se também, com base em autores que pensam a cultura visual, como Hernández (2011), Brea (2010) e Dias (2011), tecidas a autores que abordam questões relativas à EaD, Moran (2002), Vilaça (2010) e Primo (2005 e 2007), abordar a utilização da imagem neste contexto, a partir de outras possibilidades. Para além da ilustração, a imagem pode ser pensada como um meio de ampliar reflexões sobre conceitos e conteúdos ao mesmo tempo em que contribui para problematização de si e do mundo.

Palavras-chave: Cultura Visual. Educação à distância. Uso de imagem.

Abstract

This article presents a research which was done at Specialization on Technologies of Information and Communication applied to Education. Its main problem was to discuss the possibilities visual culture offers to think about the use of image at EaD context. The research had a qualitative approach and involved image experimentation with tutors of education courses of UAB/UFSM and also a reflection about an image experience done at Specialization on TIC applied to Education. Based on visual culture authors as Hernández (2011), Brea (2010) and Dias (2011) and authors who board questions about EaD, like Moran (2002), Vilaça (2010) and Primo (2005 and 2007), this research aimed to approach the use of image at this context, through other possibilities. Beyond illustration, image can be thought as a way to amplify reflections about concepts and contents, while contributing to discuss oneself and the world.

Key-words: *Visual Culture. Distance Education. Use of image.*

1. INTRODUÇÃO

Apresenta-se neste artigo uma pesquisa realizada durante o Curso de Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação Aplicadas à Educação, cujo foco foi problematizar a utilização da imagem¹ no contexto EaD a partir de estudos referentes à cultura visual. Para tal, foi proposta experimentação com utilização de imagens em um ambiente virtual e foi trazida para a reflexão uma experiência com utilização da imagem durante o Curso de Especialização em TIC Aplicadas à Educação.

No espaço virtual, assim como no espaço físico em que vivemos, somos interpelados diariamente por uma infinidade de imagens que reverberam no nosso posicionamento no tempo e no espaço, e a partir das quais construímos e diluimos significados, reconfigurando lentamente nosso modo de existência a cada dia. Neste sentido, as imagens podem ser utilizadas como um dispositivo para pensarmos nossas relações com o contexto onde vivemos, com os espaços que ocupamos e pensarmos como nos constituímos a partir das visualidades que circulam e que fazemos circular nos espaços que habitamos.

No intuito de criar uma proposição educativa que leve em consideração as vivências e interações do indivíduo com o mundo que o cerca, pensam-se as imagens que afetam e atravessam o cotidiano – no caso desta pesquisa, nos

¹ A palavra *imagem* que, em vários momentos será mencionada neste artigo, se refere tanto à imagem parada quanto à imagem em movimento (vídeo). Muito embora imagem e vídeo possuam suas peculiaridades técnicas e visuais, este não é o foco deste artigo, que abarca o potencial destas representações visuais como problematizadoras de conceitos, conteúdos e vivências cotidianas, no contexto EaD.

espaços ocupados virtualmente na internet – como possibilidade de ampliar as reflexões sobre conceitos e conteúdos no contexto da educação à distância. Assim, o problema de pesquisa foi pensar: Que espaços a imagem tem ocupado no contexto do ensino à distância e que outras possibilidades para além da ilustração ela nos oferece?

O tema de interesse deste projeto partiu de aproximações da autora aos estudos pertencentes ao campo da Cultura Visual. Estas aproximações se deram durante sua formação acadêmica no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, concluído em 2010 (UFSM) e também no Mestrado em Educação (UFSM), o qual está em andamento.

Como objetivo a pesquisa buscou a proposição de outras possibilidades de utilização da imagem no contexto da educação à distância, de maneira a ampliar as reflexões produzidas neste cenário acerca dos conteúdos nele estudados. Mais especificamente, buscou: pensar as imagens que permeiam os espaços virtuais ocupados cotidianamente; analisar uma experiência com imagem experimentada no contexto do Curso de Especialização em TIC Aplicadas à Educação; e pensar as possibilidades de utilização da imagem no contexto EaD, tendo como referência os estudos sobre Cultura Visual;

A abordagem metodológica utilizada foi de cunho qualitativo, e envolveu os seguintes procedimentos: 1) Aprofundamento dos estudos em torno do tema Cultura Visual, e metodologias que propõem outras possibilidades de uso das visualidades no contexto educativo; 2) uma atividade que propunha uma experimentação com utilização de imagens, realizada através do ambiente *Moodle* do Grupo de Pesquisa Kósmos (GPKÓSMOS-UFSM), com tutores de cursos de licenciatura da UAB/ UFSM (Universidade Aberta do Brasil/ Universidade Federal de Santa Maria) no primeiro semestre de 2012; 3) análise sobre uma experiência com imagens experimentada durante o Curso de Especialização em TIC Aplicadas à Educação;

Apresenta-se a seguir alguns referenciais que auxiliaram a pensar a investigação: a cultura visual a partir do enfoque de Hernández (2011), Brea (2010), Duncum (2011) e Dias (2011); e o contexto do ensino à distância na perspectiva de Vilaça (2010), Moran (2002) e Primo (2005 e 2007); Na sequência apresenta-se a metodologia, abordando os procedimentos metodológicos utilizados, os

colaboradores, análise e discussão dos resultados; e por fim são tecidas as considerações finais.

2. REFERENCIAIS QUE AUXILIARAM A PENSAR A PESQUISA

A sigla EaD pode ser entendida como “ensino à distância”, ou como “educação à distância” (MORAN, 2002). Muito embora o próprio autor afirme que nenhuma destas nomenclaturas seja exatamente adequada, ele elege a segunda como mais apropriada, já que neste espaço não há somente a figura do professor que ensina, mas sim há outros atores envolvidos no processo educativo. A educação à distância se configura como uma modalidade educativa em que professores e estudantes se encontram fisicamente distantes, mas não necessariamente cronologicamente separados. O campo da educação à distância envolve um contexto amplo que vai desde suas primeiras manifestações, como o ensino por correspondência, rádio e televisão, até suas manifestações mais recentes através da internet, e de Ambientes Virtuais de Ensino-Aprendizagem (AVEA) (VILAÇA, 2010). Dentro desta amplitude foi escolhido para pensar nesta pesquisa o contexto virtual de educação à distância. Mas o que abarcaria o contexto virtual de educação à distância? Somente os Ambientes Virtuais de Ensino Aprendizagem (AVEA) ou também outros lugares existentes na Internet?

Nesta pesquisa buscam-se pensar as possibilidades educativas dos diversos lugares virtuais que habitamos todos os dias e nos quais temos encontros com milhares de imagens com as quais aprendemos a ser e com as quais também inventamos modos de ser. Lugares em que aprendemos mesmo sem ter alguém a nos ensinar e nos quais produzimos coisas com o que visualizamos através dos dispositivos digitais.

Como afirma Sílvia Gallo, aprender tem a ver com acontecimento, e

sendo o aprender um acontecimento, ele demanda presença, demanda que o aprendiz nele se coloque por inteiro. E exige relação com o outro. Entrar em contato, em sintonia com os signos é relacionar-se, deixar-se afetar por eles, na mesma medida em que os afeta e produz outras afecções. (GALLO, 2012, p.6).

Sendo assim, aprendemos quando experienciamos algo, quando estamos presentes, mesmo que virtualmente, quando temos encontros. Pode ser com uma imagem, com um vídeo, um texto, ou todos ao mesmo tempo. Aprendemos quando, nas interações que temos neste espaço, ficamos à espreita destes e de outros encontros que nos permitam a experiência.

Alex Primo (2005) aborda algumas formas de interação que se dão nos espaços virtuais e elege a abordagem sistêmico-relacional como problemática de seus estudos. Sob este enfoque a interação é entendida a partir de seu caráter relacional, como algo que não depende somente dos polos emissor/receptor, mas sim do que acontece entre os interagentes. Assim a interação não acontece como uma soma de duas ou mais partes, mas sim como uma conexão entre estas, o que envolve conflitos e negociações de ideias. Neste sentido o conflito é produtivo e o perigo mora nos consensos que tudo pacificam, que tudo aceitam.

Ainda segundo o autor, “a comunicação jamais é plena, ela é uma disputa de sentidos (...), a comunicação é sempre invenção”,² assim sendo, mesmo na comunicação de algo, onde se pretende que não haja ruídos em sua recepção, há a interpretação e a invenção de outros sentidos pelo receptor. Desta maneira o receptor é também ativo neste processo, é produtor ou inventor de sentidos.

Se pensarmos a imagem nesta perspectiva, passamos a entendê-la como algo não fechado num único sentido, mas sim como algo que produz coisas nos encontros com o receptor e no conjunto de relações do qual ele faz parte. A cultura visual se debruça sobre estas questões, sobre o que acontece entre a imagem e o indivíduo. Como afirma Hernández, ela se esboça “como espaço de relação que traça pontes no ‘vazio’ que se projeta entre o que vemos e como somos vistos por aquilo que vemos” (HERNÁNDEZ, 2011, p.34), um espaço que permite a experiência com a imagem.

Os estudos sobre cultura visual encontram-se como um campo emergente, e como tal, várias são as posições de estudiosos sobre o tema, como pode ser percebido nos diferentes artigos publicados no livro *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*, organizado por Irene Tourinho e Raimundo Martins (2011). É um campo “ainda extraordinariamente fluido, um conceito mutável sujeito a múltiplos

² Conforme o vídeo disponível no *youtube* que apresenta a segunda parte da entrevista prestada por Alex Primo ao programa "Livro Aberto" sobre o livro *Interação Mediada por Computador*. (2007) Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=C3YBwrSJE6Y>.

conflitos. Entretanto, apesar das disputas em torno dele, há uma compreensão que a cultura visual enfatiza: as experiências diárias do visual” (DIAS, 2011, p.62). Assim, a via pela qual este campo é pensado na pesquisa vai ao encontro deste autor e de autores como Hernández (2011), Duncum (2011) e Brea (2010), tomando a cultura visual como um campo rizomático, não fechado, que permite diferentes conexões e formas de pensar as maneiras culturais de olhar e seus efeitos sobre nós.

Hernández (2011), no artigo *A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito*, aborda três pontos – os quais reforça que não são fechados em si mesmos – nos quais demonstra seu posicionamento em relação à cultura visual. Estes três pontos dizem respeito a: entender a cultura visual como “um campo de estudo transdisciplinar ou adisciplinar” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 32); como um conjunto de “imagens e artefatos do passado e do presente que dão conta de como vemos e somos vistos por esses objetos” (HERNÁNDEZ, 2011, p.33); e como “uma condição cultural” que atualmente, “está marcada por nossa relação com as tecnologias da aprendizagem e da comunicação, que afeta como vemos a nós mesmos e ao mundo” (HERNÁNDEZ, 2011, p.34).

Tendo em vista o caráter transdisciplinar ou adisciplinar da cultura visual, pode-se pensar a imagem como dispositivo para abordar diferentes conteúdos ou conceitos de modo a aproximá-los do contexto visual do educando, tecendo relações entre eles.

Se entendermos as tecnologias como favorecedoras da produção e disseminação de imagens, podemos pensá-las como um campo fértil onde circulam nossos modos de ver, e onde também aprendemos a tomar um posicionamento no espaço e no tempo em que vivemos. Segundo Brea (2010, p.115, tradução livre) “os elementos de ordem visual tem crescente importância nos processos contemporâneos de socialização e subjetivação”, portanto, as imagens funcionam como materialidade de enunciados discursivos. No cenário tecnológico, nossas imagens criam conexões com imagens de outros indivíduos, e neste entrecruzamento, como afirma Hernández, fazemos nossos os significados “que formam parte de outros relatos e referências culturais” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 34). Nestas apropriações de sentidos, constituímos e desconstruímos infinitas vezes nossa subjetividade, assim as imagens tem muito a dizer de nós e de nossas relações com o mundo em que vivemos.

Cabe, neste sentido, fazermos às imagens perguntas que vão além do que elas representam ou de que história elas contam. Cabe, neste momento, tempo e espaço em que nos encontramos, perguntarmos: “o que vejo de mim nesta representação visual?” (HERNÁNDEZ, 2011, p.38). Este questionamento muda os caminhos trilhados pela arte na educação, mas o que se propõe aqui vai além das barreiras curriculares da arte, pois, sendo a cultura visual um campo transdisciplinar ou adisciplinar, a imagem pode funcionar como um dispositivo para pensar diferentes áreas de ensino. O acervo de imagens que compõem a subjetividade de um indivíduo pode colaborar para aproximar os conceitos e conteúdos específicos de determinada área, do conjunto de relações ao qual ele faz parte, o auxiliando a aprender sobre si e a problematizar suas vivências.

Ao pensarmos a imagem a partir deste questionamento, permitimos a ela acontecer de diferentes maneiras. Assim, seu sentido não permanece para sempre fixo, mas sim se deixa ser outro a cada encontro com diferentes indivíduos, espaços e tempos. A imagem como acontecimento é entendida então não como um resgate do seu sentido, mas como algo cujas recombinações imprevistas inventarão com ela outros sentidos. Como afirma Brea:

nos estudos críticos da cultura visual contemporânea o desafio é [...] colocá-las em relação com a atualidade reluzente e problemática do mundo a que pertencem, entendê-las como incrustadas na complexidade de cada tempo-
agora. (BREA, 2010, p.119, tradução livre)

Entendendo-se a imagem como acontecimento, abrem-se outras possibilidades de pensá-la, permite-se a ela ser outra a cada situação ou jogo de relações na qual ela é solicitada. Assim, no contexto da educação à distância, esta seria uma possibilidade de o estudante, a partir de imagens que tem ao seu alcance no seu cotidiano virtual, problematizar suas próprias vivências, atualizando desta maneira os próprios conteúdos e conceitos que ele estuda.

Enquanto participante como ouvinte do Mestrado em Educação na Linha de Pesquisa LP4, no ano de 2011, a autora desta pesquisa presenciou e experimentou por diversas vezes a utilização imagem para problematizar os textos que cada estudante da disciplina apresentava ao grupo em forma de seminário. Estas experimentações, de uso de imagens publicitárias, artísticas, entre outras, ampliaram os horizontes do grupo para pensar os conceitos trazidos pelos textos, ao

mesmo tempo em que os textos eram trazidos para problematizações de vivências ligadas a estas imagens.

Pensada assim, a imagem porta outras possibilidades para além da ilustração, ou da emissão “fiel” de um significado do emissor para o receptor. A imagem permite um diálogo com o jogo de relações no qual ela se mistura. Nas proposições metodológicas que emergem com estudos recentes sobre a Investigação Baseada nas Artes (IBA) (HERNÁNDEZ, 2008), há a ênfase no diálogo que não somente as imagens, mas outras vias de manifestações artísticas como a literatura, podem tecer com as experiências vividas em uma investigação e com a representação desta experiência. Pensada enquanto diálogo a imagem não reforça, mas tenciona o texto que ela acompanha, produz fissuras nas quais o leitor pode se colocar e problematizá-lo a partir de si e do contexto do qual faz parte.

São possíveis de se pensarem então os diálogos que as imagens de nosso acervo cotidiano podem tecer com os conceitos e conteúdos que estamos a estudar. Ocupamos espaços no mundo virtual, e nestes espaços há a circulação de diversas imagens, das quais nos apropriamos e muitas das quais somos autores. Pensa-se que esta potencialidade do contexto virtual pode auxiliar para que experiências³ nos aconteçam na educação à distância. Ao alcance de nossos dedos, um *click*, que nos permite percorrer milhas e milhas de informações, num espaço virtual em que muitas coisas acontecem, mas nem sempre nos acontecem. A educação à distância pode, a partir da imagem, seja ela parada ou em movimento, solicitar o demoramento necessário para que haja problematização tanto dos conteúdos estudados quanto das visualidades que permeiam este contexto virtual no qual absorvemos, produzimos e colocamos em circulação tantas coisas. Ela pode problematizar as imagens que fazem parte deste cotidiano virtual, não somente as colocando como ilustração de algo, comunicando algo, mas as colocando em diálogo com os assuntos que se está a estudar.

³ A noção de experiência, segundo Larrosa (1994), está ligada a algo que nos acontece, nos toca. Segundo o autor “a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (LARROSA, 1994, p.24).

3. OS CAMINHOS EXPERIMENTADOS

A abordagem metodológica utilizada na pesquisa foi de cunho qualitativo. Segundo Oliveira (2007), nesta abordagem os significados que as pessoas constroem acerca de sua vida e do mundo em que vivem são dados relevantes à pesquisa, dados estes que não se permitem ser quantificáveis. A autora afirma ainda que esta forma de pesquisa envolve um corte epistemológico, uma delimitação espaço-temporal, onde a descrição contextual (período, data e lugar) da pesquisa se torna um dado relevante.

Sendo assim esta pesquisa busca atender ao problema de pesquisa que se esboçou em dois contextos: um deles se refere ao próprio Curso de Especialização à Distância do qual este trabalho decorre; e o outro diz respeito ao Programa de Formação e Desenvolvimento Profissional de Tutores *On-line* e Presenciais⁴. Como veremos mais detalhadamente no item 3.1, acerca do primeiro contexto, foi realizada uma análise de uma experiência obtida com a imagem no decorrer do Curso de Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação Aplicadas à Educação; a partir do segundo, foi pensada uma atividade, ou seja, a experimentação com utilização de imagens.

3.1. A proposição de experimentação da imagem no contexto EaD

A proposição da atividade partiu da construção de um projeto realizado na disciplina *Sala de aula e TIC*, a partir de uma perspectiva construcionista, que segundo Valente (apud ALMEIDA e PRADO, 2003), ocorre a partir de uma ação que produz algo palpável imbricado no interesse de quem a produz. Um projeto sempre parte de uma problematização, que não sabemos exatamente onde vai dar. Não é passível de repetição, pois seus resultados dependerão do contexto, que podem transformá-lo num outro projeto. Como afirmam Almeida e Prado (2003, s/p), “o ato de projetar requer abertura para o desconhecido, para o não-determinado e flexibilidade para reformular as metas à medida que as ações projetadas evidenciam novos problemas e dúvidas.” Afinal não teria sentido realizar um projeto ao qual já

⁴ Programa coordenado pela Profa. Dra. Adriana Moreira da Rocha Maciel, cujo objetivo é a formação continuada de tutores *on-line* e presenciais através de Ciclos de Atividades. Estes ciclos abarcam videoconferências que acontecem por meio do CPD/ UFSM e atividades que são desenvolvidas em um espaço específico para tal dentro do Ambiente *Moodle* do Grupo de Pesquisa Kósmos (GPKÓSMOS) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A autora da pesquisa participa deste projeto como bolsista PROEXT.

sabemos a priori todos os passos e resultados, pois até mesmo o resultado é provisório, pois a conclusão de um projeto não quer dizer que este não possa sugerir novos começos.

Os colaboradores da atividade “experimentação com imagem” são tutores, que atuam em cursos de licenciatura da UAB/UFSM, participantes do Programa de Formação e Desenvolvimento Profissional de Tutores *On-line* e Presenciais. Este programa visa à formação continuada de tutores de cursos de licenciatura da UAB/UFSM, principalmente no que se refere a sua formação pedagógica.

Na sondagem inicial sobre o perfil dos tutores que participaram da pesquisa, realizada pelo referido programa, uma das dificuldades apontadas em suas práticas na tutoria estava relacionada à falta de participação e de motivação dos alunos, o que reverberava numa busca de como instigar este estudante. Com a ideia de incorporar o cotidiano aos conteúdos estudados, pensou-se na possibilidade de abordar a cultura visual como dispositivo para pensar conteúdos, de maneira a ampliar as reflexões sobre os mesmos e de aproximá-los à vida do educando, tornando-os mais significativos através de relações com as imagens que interpelam seu cotidiano.

Para tanto foi desenvolvida uma atividade/experimentação que envolvia a utilização de ferramentas do ambiente *Moodle* (*Wiki* e *Fórum*), um vídeo do Coletivo de Arte *Poró* e também imagens recolhidas pelos tutores de outros ambientes virtuais entre as que eram ocupadas por eles em seu cotidiano. A proposição envolvia a construção de um texto (na ferramenta *Wiki*) em grupo (organizado através de um *Fórum*), tendo como fomento o vídeo *Fique atento à cidade*, do Coletivo de Arte *Poró*⁵, onde eles selecionavam uma palavra/conceito, a qual eles deveriam problematizar com o auxílio de imagens de seu cotidiano virtual.

Três tutores participaram da atividade, e as palavras escolhidas por eles foram *movimento*, *transformação* e *deslocamento*. As imagens que eles selecionaram são *print screens* de algumas páginas da Internet, conforme podemos analisar nas figuras 01, 02 e 03. O texto escrito pelos tutores a partir destas imagens pode ser conferido na íntegra no Anexo A.

⁵ O vídeo pode ser acessado no seguinte endereço: <poro.redezero.org/video/video-fique-atendo-a-cidade-2010>

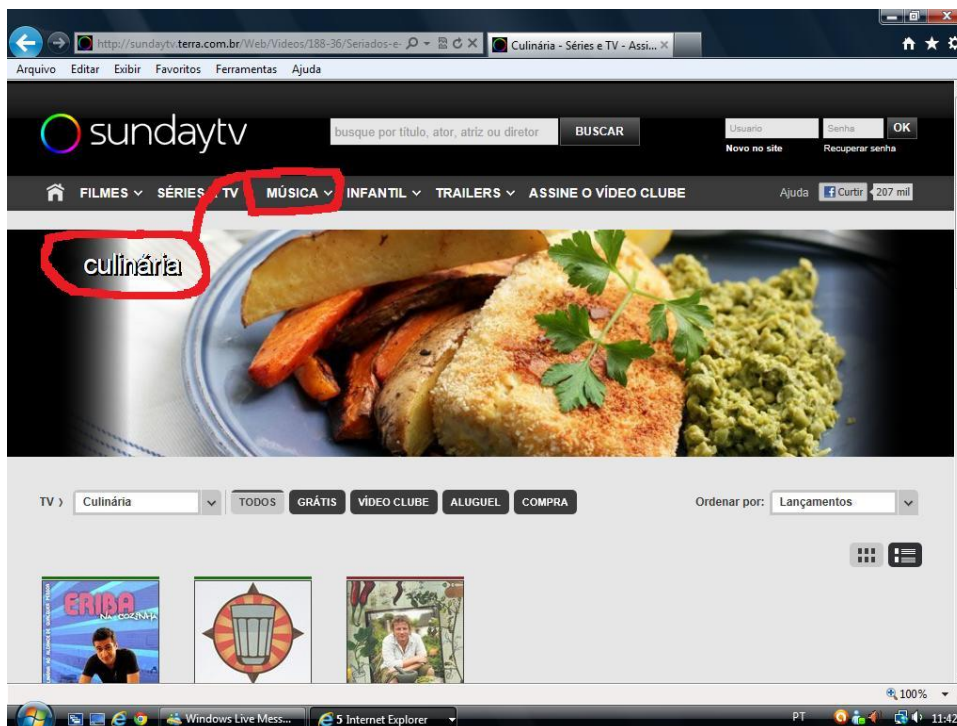


Figura 01 – Exemplo (I) de imagem escolhida pelos tutores participantes.

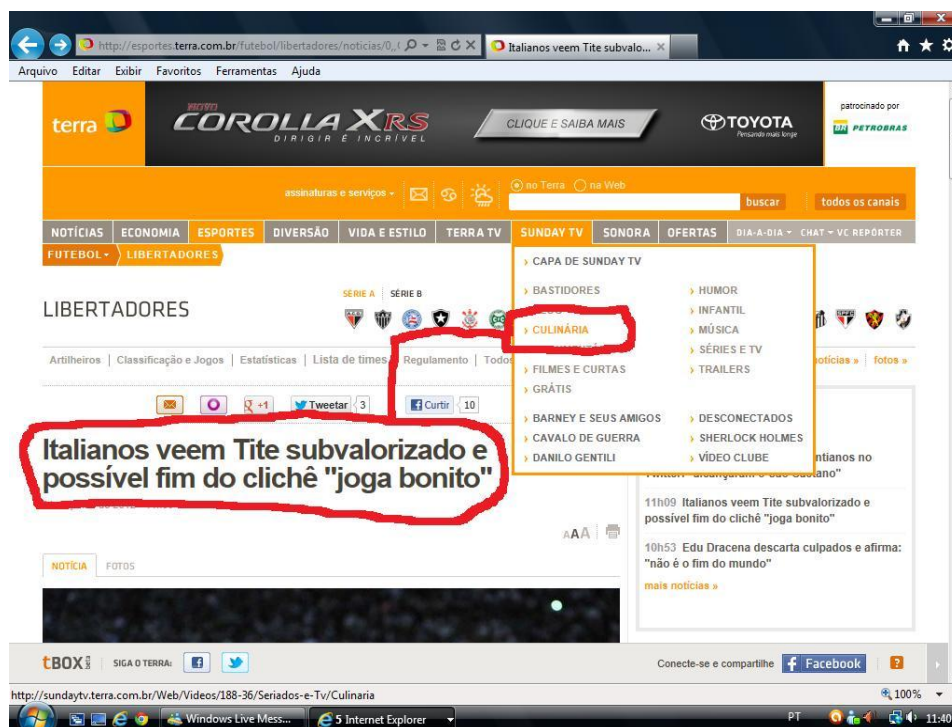


Figura 02 – Exemplo (II) de imagem escolhida pelos tutores participantes.



Figura 03 – Exemplo (III) de imagem escolhida pelos tutores participantes.

A imagem e o vídeo foram empregados na atividade como um meio de problematizar conceitos e torná-los mais próximos ao contexto que cada participante vivencia, bem como de refletir de que maneira as visualidades que circulam em nosso cotidiano podem colaborar na aproximação dos conteúdos que nos propomos a trabalhar aos diferentes espaços e situações que nos afetam. Deste modo, ao pensar na produção coletiva de conhecimento, colocando em diálogo a maneira com que cada um percebe suas experiências e interpreta as imagens que permeiam seus cotidianos, sugeriu-se, com base na proposta dada, a construção de reflexões sobre os espaços que ocupamos virtualmente na internet a partir dos conceitos trazidos pelo vídeo e das imagens que nos interpelam ao navegarmos nestes espaços.

Apesar de ter havido pouca participação dos tutores, a atividade foi desenvolvida com empenho pelo grupo participante. Eles estabeleceram relações entre as imagens e os conceitos construindo um texto que abarcou ideias acerca do espaço virtual, como a questão da rede enquanto uma prótese que nos auxilia na movimentação por inúmeros locais virtuais. Outras questões foram os deslocamentos que ocasionam mudanças de pensamento e a possibilidade de ações simultâneas no espaço virtual. Como podemos perceber nas imagens (em *print screen*), há várias páginas abertas ao mesmo tempo (MSN e mais cinco janelas

de pesquisa), e também são visíveis as diversas informações, imagens e assuntos que convivem num mesmo espaço nos instigando a percorrer outros lugares através de seus links.

Estas reflexões sobre o espaço virtual vão ao encontro do pensamento de Duncum (2011) de que as imagens, assim como a Internet, possuem uma estrutura rizomática: “uma imagem está conectada a outra, que, por sua vez, está conectada a uma terceira; imagens se associam a literatura, poemas, letras de canções e filosofias de vida.” (DUNCUM, 2011, p.21). Assim, elas não são lineares, pois suas conexões as disseminam por diferentes espaços e direções sem uma organização hierárquica. E aí cabe também o caráter transdisciplinar ou adisciplinar da cultura visual tratado por Hernández (2011).

Outro ponto suscitado pela atividade diz respeito a uma potencialidade da imagem que é abordada pela proposta metodológica IBA (Investigação Baseada nas Artes), na qual, para além do papel de ilustrar um texto ou apenas reforçar o que ele diz (não que isso não seja relevante), a imagem também porta a possibilidade de entrar em diálogo com o texto. De criar uma abertura, que produz outra coisa que não é nem o texto nem a imagem, nem a junção dos dois produzindo uma terceira coisa, mas sim uma aproximação de ambos. Um intervalo, no qual o leitor constrói as pontes de ligação entre eles, colocando suas próprias experiências em diálogo com o conteúdo de ambos. O texto produzido pelo grupo através das imagens traz isto, aberturas para que possamos também nos inserir e dialogar com eles a partir de nossas próprias experiências no espaço virtual.

Após a realização desta atividade, foi disponibilizado, através de um Fórum, um questionário para que os tutores fizessem uma avaliação da atividade realizada por eles. Compuseram este questionário questões como: O que esta atividade lhe permite pensar sobre sua atuação na tutoria? Como você avalia a utilização da imagem nesta proposta? Que possibilidades que você visualiza, a partir da proposta realizada, para o seu trabalho na tutoria?

Na resposta de um dos tutores houve as seguintes reflexões:

As imagens trazem em si o seu 'texto', que pode ser suporte ou elemento principal no desenvolvimento de tarefas no campo do ensino institucionalizado. O uso criterioso desse recurso pode ser procedimento importante não só para a informação dos alunos (e dos próprios tutores), mas para o trabalho cooperativo de uma elaboração conceitual e teórica – de forma mais ampla – daqueles envolvidos em um processo de ensino-aprendizagem. Aliás, esse é um mecanismo muito utilizado no ensino à

distância na disciplina de História da Educação. Dar por uma imagem o presente ou o passado permite, muitas vezes, configurar 'concretamente' um universo distante do leitor e, desse modo, torna-o mais palpável para que, a partir dele, se possam estabelecer relações variadas, ação que é elementar na construção do conhecimento.⁶

Fazer uso de uma imagem para discutir um universo distante do leitor se torna relevante também pelo fato de que o próprio leitor pode estabelecer *links* entre estas imagens e seu próprio contexto, problematizando o fato através do presente e de suas vivências, tornando-o mais significativo. Na cultura visual, busca-se ir além de saber o que a imagem quer dizer ou o que quem produziu a imagem quer dizer com ela (não que isso não seja importante em determinados casos), mas sim “o que vejo de mim nesta representação visual?” (HERNÁNDEZ, 2011, p.38), que relações posso estabelecer entre a imagem e minhas próprias vivências? O que a imagem do ontem me permite pensar sobre o que eu vivo hoje? (BREA, 2010), Que aproximações e que estranhamentos tenho com elas?

Mesmo ilustrando um fato, a imagem permite interpretações que podem ser diferentes em diferentes contextos e culturas. Como afirma Primo (2007)⁷ “não há uma comunicação sem ruídos”; assim, pode-se pensar que a imagem, mesmo em concordância com o que ela ilustra, pode permitir um conflito de ideias que leva à produção de outras interpretações e sentidos dependendo de seus agenciamentos no jogo de relações a que é solicitada. Enquanto materialidade de enunciados discursivos, a imagem porta significados que podem ser interpretados e experienciados de diferentes maneiras por quem a visualiza.

3.2. Experimentações a partir de imagens

No Curso de Especialização em TIC Aplicadas à Educação, houve uma disciplina em que foi abordado o uso de imagem, através de recursos digitais, na construção de instrumentos educacionais. Nesta disciplina, denominada Linguagem Visual, a imagem era enfatizada pelo seu potencial de comunicação, como podemos perceber no excerto retirado do material didático da disciplina:

⁶ Resposta de um dos tutores aos questionamentos, disponível em: <www.gkosmos.com/moodle/mod/forum/discuss.php?d=364>

⁷ Conforme vídeo disponível no *youtube* que apresenta a segunda parte da entrevista prestada por Alex Primo ao programa "Livro Aberto" sobre o livro *Interação Mediada por Computador*. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=C3YBwrSJE6Y>

Na segunda metade do século XX, houve uma mudança na definição do que é literatura. A proliferação do uso de imagens como um fator de comunicação foi intensificada pelo crescimento de uma tecnologia que exigia cada vez menos a habilidade de se ler um texto. Dos sinais de trânsito às instruções mecânicas, as imagens ajudaram as palavras e, muitas vezes, até as substituíram. Na verdade, a leitura visual é uma das habilidades obrigatórias para a comunicação neste século.⁸

Sim, é impossível negar que a imagem teve e tem um papel relevante neste sentido, comunicar algo com rapidez é imprescindível em alguns casos. Como bem aponta o autor o trânsito é um destes casos, nele por vezes não temos condições, tempo, de ler um texto em uma placa de sinalização, e aí a imagem se torna um meio eficaz de identificarmos algumas mensagens que precisam ser decodificadas rapidamente. Somos treinados a entendê-las em aulas de trânsito, ou mesmo em nosso cotidiano enquanto pedestres.

A imagem é pensada na disciplina como algo capaz de transmitir uma mensagem, e neste sentido há alguns cuidados que devem ser tomados para que esta mensagem seja emitida com sucesso. Assim, fatores como a pesquisa do público-alvo são determinantes para que a mensagem obtenha a interpretação desejada, já que, “a capacidade de interpretar ilustrações está diretamente relacionada as nossas vivências de um modo geral, em todos os sentidos, sejam eles visuais, psicológicos, culturais, religiosos, morais, lógicos, etc.”⁹

Encontram-se nesta citação algumas aproximações ao pensamento da cultura visual, que entende a imagem enquanto algo que pode ser interpretado de diferentes maneiras, dependendo do contexto em que é visualizada. Reforça-se que a intenção deste artigo não é definir uma barreira entre diferentes modos de entender a imagem, mas sim trazer a cultura visual como uma potencialidade a mais da imagem nos contextos educacionais, no caso a educação à distância.

A imagem como ilustração possui muitas possibilidades, também abordadas pelo material didático da disciplina: registrar algo que não se pode fotografar, descrever algo, sinalizar, dar a ver um procedimento, divulgar serviços, entre outras. Estas possibilidades estão imbricadas em nosso cotidiano e em muitos casos dependemos delas. Elas nos auxiliam a entender uma mensagem com rapidez, nos seduzem, nos informam, nos ensinam, nos conduzem, e nem sempre nos

⁸ Citação de Will Eisner (2003) disponível no material didático da disciplina Linguagem Visual, elaborado por uma equipe multidisciplinar para o Curso de Especialização em TIC Aplicadas à Educação.

⁹ Fragmento de texto disponível no material didático da disciplina Linguagem Visual.

demoramos nelas a ponto de problematizá-las. Pensar a imagem a partir da cultura visual é problematizá-la, é pensar em todas estas reações que elas nos incitam, pensar em como elas auxiliam a sermos o que somos, que relações elas têm com nossa vida e nosso cotidiano. Na proposição deste artigo, se faz importante pensar nas relações entre estas imagens, que permeiam nosso cotidiano e que dizem tanto de nós, e os conteúdos e conceitos que estudamos no contexto EaD.

Uma das situações relevantes vividas neste sentido, pela autora da pesquisa enquanto aluna deste Curso de Especialização, se deu a partir da postagem do vídeo *Buraco no muro*¹⁰ por uma colega, em um fórum da disciplina *Ambientes Virtuais de Ensino-Aprendizagem*. O vídeo consistia em uma reportagem realizada por Rory O'Connor na Índia, com Dr. Sugata Mitra, chefe de pesquisa e Desenvolvimento de uma firma de alta tecnologia: a NIIT. Mitra iniciou em 1999 um projeto que denominou “O buraco no muro”, as primeiras obras deste projeto aconteceram nos muros que separavam a favela de Nova Delhi da empresa NIIT. Foram instalados nestes muros computadores de alta velocidade conectados a Internet, atraindo várias crianças da favela de Nova Delhi a manuseá-los. A partir da oportunidade colocada pela instalação do computador, as crianças aprendiam a utilizar o computador sozinhas e nomeavam os ícones conforme suas vivências, a ampulheta, por exemplo, foi denominada *Damru* por ser semelhante à imagem do tambor de *Shiva*. Através da internet as crianças acessavam jogos, ferramentas de desenho e também sites de notícias.

Inúmeras foram as discussões a respeito do vídeo, mais de 50 postagens no Fórum. Na época uma pergunta foi postada pelo professor da disciplina: *Este vídeo apresenta um momento onde houve uma aprendizagem significativa evidente, fantástica, e de acordo com a resposta dada por uma criança. Alguém identifica em que momento?*

A partir deste questionamento houve várias respostas que foram dando conta das inúmeras possibilidades de interpretação que o vídeo oferecia, dentre as respostas estavam: quando o aluno aprendeu pelo fato de observar outras crianças; quanto ele aprendeu com a própria prática; ao ser ativo em seu aprendizado; quando definiu Internet como “aquilo com que você pode fazer qualquer coisa”; no momento da descoberta; através de sua autonomia em manusear a tecnologia;

¹⁰ O vídeo está disponível no seguinte endereço: <www.youtube.com/watch?v=Xx8vCy9eloE>.

através da curiosidade; ao relacionar o novo conhecimento a um já existente (o exemplo do tambor de *Shiva*). Pode-se perceber aí que a imagem não possui uma única verdade, não carrega um sentido fechado nela mesma, mas, sim, porta inúmeras possibilidades de interpretação, no caso várias situações do vídeo foram consideradas pelos participantes da disciplina como o momento em que houve uma aprendizagem significativa.

Outros vídeos (*Rubem Alves - O papel do professor - Você não pode ser minha professora!* - *A magazine is an iPad that does not work* - *Andre Sa aprendendo a usar o iphone*)¹¹ foram postados a partir deste, e também suscitaram discussões a respeito. Este fato ilustra o caráter rizomático da imagem (DUNCUM, 2011) que vai criando conexões não só entre pensamentos diferentes, mas também em conexão com outras imagens que vão ampliando as reflexões a respeito do tema.

Algumas postagens faziam referência a vivências pessoais que eram trazidas para discussão a partir dos vídeos. Por exemplo, um dos colegas lembrou a partir do vídeo *O papel do professor* – que propunha uma educação através de *espantos* – de uma conversa que tivera com seu pai, professor aposentado, sobre a realidade da educação e as necessidades desta atualmente, sobre a obsolescência de um professor tradicional e a emergência de um professor mediador no contexto atual. Outra colega, a partir do vídeo *Andre Sa aprendendo a usar o iphone*, que apresenta uma menina ensinando um rapaz a usar o equipamento, comenta sobre a facilidade de sua filha em utilizar as tecnologias emergentes.

O fórum que se destinava a discutir a temática do módulo II da disciplina – Aprender com dispositivos móveis – abrigou uma ampla discussão iniciada por um vídeo. Percebe-se assim o grande potencial que as imagens possuem para urdir diferentes discussões acerca de determinado tema, e também o potencial da Internet de colocar em nossas mãos um campo de possibilidades a serem acessadas por um *click*. A partir do vídeo apresentado por uma colega foram postados outros vídeos e discutidas situações que talvez não tivessem sido experienciadas caso este vídeo não tivesse sido postado. Deste modo, o vídeo abriu possibilidades de ampliar as discussões acerca dos conteúdos estudados na

¹¹ Os vídeos podem ser acessados respectivamente nos seguintes endereços:
<www.youtube.com/watch?v=_OsYdePR1IU>, <www.youtube.com/watch?v=XMqcd-BIDI8>,
<www.youtube.com/watch?v=aXV-yaFmQNk>, <youtu.be/qw4l1ljViTU>.

disciplina, de maneira a torná-los mais próximos das vivências de cada integrante do grupo. Percebe-se a partir desta experiência o potencial do uso da imagem no contexto EaD.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebendo que as tecnologias atuais favorecem a produção e disseminação de imagens, possibilitam conexões com uma infinidade de produções e pensamentos, e que o homem contemporâneo não é somente um receptor ou fruidor de imagens, mas alguém que também age como um produtor e disseminador das mesmas, atentou-se para a relevância de se pensarem as experiências culturais de olhar e seus efeitos sobre nós, através da cultura visual. Nesta perspectiva a pesquisa buscou contribuir para que outras formas de utilização da imagem sejam pensadas no contexto EaD. Para além de ilustrar ou reforçar um conteúdo, a imagem porta a possibilidade de agir como problematizadora, de ser um espaço de criação de sentidos, que propõe diálogos entre os conteúdos estudados e as vivências cotidianas, como podemos perceber nas experiências analisadas.

Sobre o problema inicial da pesquisa: que espaços a imagem tem ocupado no contexto do ensino à distância e que outras possibilidades para além da ilustração ela nos oferece? Pensa-se que, muito embora a imagem como ilustração ou comunicação de ideias tenha sido mais presente no decorrer do Curso de Especialização, a problematização também teve seu espaço, como podemos perceber na experiência relatada no decorrer deste artigo.

As múltiplas vias de uso da imagem possuem cada qual sua importância, e o fato de uma imagem ilustrar algo não quer dizer que ela não possa problematizar algo. Assim, pode-se afirmar que as relações que se dão entre imagem e indivíduo é que determinarão a forma de interpretação desta imagem, e o que o indivíduo irá produzir a partir dela. Somente as relações é que definirão os ruídos que ela terá e o que será inventado a partir destes ruídos.

O potencial de acesso a informações oferecido pela Internet permite uma ampla gama de possibilidades para a educação à distância. Com a facilidade na utilização de vídeos e imagens, vista na experiência ocorrida no Curso de Especialização e na atividade realizada com os tutores, qualquer um dos atores envolvidos no processo educativo pode trazê-las a discussão. Neste agenciamento

de informações, vivências pessoais, imagens, vídeos, entre outros, que envolve conflitos e negociações de ideias, a aprendizagem pode acontecer de uma maneira singular para cada indivíduo.

Partindo do pressuposto de que os resultados de uma pesquisa qualitativa não se configuram como um fim delimitado, mas sim se abrem para outras possibilidades, e que diferentes cortes epistemológicos supõem diferentes resultados, pensa-se que o tema estudado abriga outras possibilidades férteis de pesquisa. Pondera-se também que a emergência dos estudos sobre cultura visual tende a trazer cada vez mais a imagem para as problematizações cotidianas, sejam elas pertencentes ao mundo físico em que vivemos ou ao mundo virtual que habitamos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. Pedagogia de projetos - tema debatido na série Pedagogia de projetos e integração de mídias, apresentado no programa **Salto para o futuro/TV Escola**, de 15 a 19 de setembro de 2003. Disponível em: <midiasnaeducacao-joanirse.blogspot.com.br/2009/02/pedagogia-de-projetos_24.html>, acesso em 27 maio.2012.

BREA, José Luis. **Las tres eras de la imagen**. Imagen-materia, film, e-image. Madrid: AKAL, 2010.

DIAS, Belidson. **O i/mundo da educação da cultura visual**. Brasília: Editora da UNB, 2011.

DUNCUM, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. *In*: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (orgs.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011. Pp. 15-30.

GALLO, Sílvio. **As múltiplas dimensões do aprender...** *In*: Anais COEB 2012: Congresso de Educação Básica: Aprendizagem e Currículo. Florianópolis, 2012. Pp. 01-10. Disponível em: <www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf>, acesso em 28 out.2012.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011. Pp. 31-49.

_____. La Investigación Basada en Las Artes: propuestas para repensar la investigación en educación. *In*: **Educatio Siglo XXI**. Revista de la Facultad de Educación de la Universidad de Murcia, vol. 28, 2008. Pp. 85-118.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. *In: Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr 2002, nº 19. Pp. 20-28. Disponível em: <www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde19/rbde19_04_jorge_larrosa_bondia.pdf>, acesso em 30 nov.2010.

MORAN, José Manuel. **O que é educação a distância**. Disponível em: <www.eca.usp.br/moran/dist.htm>, acesso em 28 out.2012.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa Qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PRIMO, Alex. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador**. 404NotFound, n. 45, 2005. Pp. 01-16. Disponível em: <www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_45.htm>, acesso em 28 out.2012.

PRIMO, Alex. **[Entrevista disponibilizada em 30 de agosto de 2007, na internet]**. 2007. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=C3YBwrSJE6Y>, acesso em 28 out.2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA.UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL. **Linguagem Visual**. Santa Maria [2007]. Pp. 01-53, pdf.

VILAÇA, M. L.C. **Educação a Distância e Tecnologias: conceitos, termos e um pouco de história**. *In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas - UNIGRANRIO*. Vol. 1, nº 2. Pp. 89-101, 2010. Disponível em: <publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1197>, acesso em 19 out.2012.

Nome da autora: Francieli Regina Garlet – francieliagarlet@yahoo.com.br

Nome da orientadora: Profa. Dra. Reinilda de Fátima Bergenmayer Minuzzi – reibmin@yahoo.com.br

Anexo A - Texto produzido pelos tutores participantes da pesquisa a partir das palavras selecionadas do vídeo *Fique atento à cidade* e das imagens escolhidas por eles em seu cotidiano virtual.

O espaço virtual é um sistema complexo formado por conceitos e informações de diversas naturezas. As finalidades, os usos e as possibilidades de emergências nesse campo são múltiplas, tanto para o bem quanto para o mal. De fato, as formas de organização dos diferentes sítios – com hipertextos, entre outros – levam-nos, muitas vezes, a uma configuração paralela da 'realidade concreta'. Quem 'navega' está em seu local físico imediato, mas também alhures. Também é possível estarmos em uma parte – virtual – do planeta em um instante e, no segundo posterior, no lado oposto desse mesmo mundo, de forma alternada, aleatória, frenética, ou de forma sequencial e organizada.

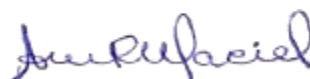
Nessa ordem, a ideia de movimento está intimamente ligada às redes *online*. Não o movimento físico, necessariamente, mas a mobilidade espiritual ampliada pela 'prótese' que emerge desse sistema. Tal mobilidade não se dá somente por conta dos espaços virtuais percorridos – como os metros percorridos de uma estrada – mas pela própria simultaneidade possível das ações em um mesmo sítio: música, notícias, filmes, esportes, etc. Tudo junto e ao mesmo tempo.

Assim estamos suscetíveis a transformações fundamentais, que podem ser realizadas pelo acréscimo de novos sistemas sobre as estruturas antigas. E nesse deslocamento de ideias, sentimentos e posições se pensa de forma diferente do normal, oportunizando mudanças de comportamentos e atitudes...

Anexo B- Termo de ciência e concordância.

TERMO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA

Declaro, pelo presente termo, estar ciente que os dados referentes à atividade do Ciclo II, realizada pelos tutores participantes dos Ciclos de Formação promovidos pelo Programa de Formação e Desenvolvimento Profissional de Tutores *On-line* e Presenciais, programa no qual sou coordenadora, serão utilizadas no Trabalho de Conclusão de Curso “Contribuições da cultura visual para pensar a imagem no contexto EaD”, de autoria de Francieli Regina Garlet (bolsista PROEXT neste programa).



Prof. Dra. Adriana Moreira da Rocha Maciel
Coordenadora do Programa de Formação e Desenvolvimento
Profissional de Tutores *On-line* e Presenciais